

# Poemas do Manuscrito Pickering seguidos d'os Portões do Paraíso



William Blake

William Blake nasceu em 1757, em Carnaby Market [Londres] – mas a vida de Blake escrita por ele não começaria assim.

Teria ficado repleta de animais selvagens e simbólicos, de mulheres nuas, de nuvens monstruosas e templos colossais; e teria sido praticamente incompreensível, embora nunca inadequada. Certa vez, ainda criança, tendo-se ele demorado pelos campos, ao voltar a casa disse à mãe que tinha visto o profeta Ezequiel sentado debaixo duma árvore. A mãe deu-lhe logo uma lambada, acabando assim a primeira aventura de William Blake no país das maravilhas de que era cidadão.

Note-se que Blake nada tinha de frangalho poético nem de um simples místico lunar. Se era um “homem louco”, nesta expressão tanto deveremos sublinhar a palavra louco como a palavra homem. Por exemplo, apesar das suas actividades sedentárias e das suas teorias pacíficas, era senhor duma coragem física extraordinária. Não do mínimo razoável de coragem física que se pode adquirir pela prática dos desportos convencionais, mas de um intrínseco desprezo pelo perigo, de uma disponibilidade para afrontar pessoalmente perigos desconhecidos. Chegava a atacar homens muito maiores do que ele, com tamanha violência que estes se viam amiúde vencidos pelo próprio assombro.

G. K. CHESTERTON

POEMAS DO MANUSCRITO PICKERING  
SEGUIDOS D'OS PORTÕES DO PARAÍSO

WILLIAM BLAKE

Poemas  
do Manuscrito Pickering  
seguidos d'Os Portões do Paraíso

Tradução de  
Manuel Portela



Título original POEMS FROM THE PICKERING MANUSCRIPT  
FOR THE SEXES: THE GATES OF PARADISE  
Autor William Blake  
Tradução e prefácio Manuel Portela  
Capa Antígona  
Fotocomposição Alfanumérico  
Impressão IAG – Artes Gráficas  
Copyright © Antígona e Manuel Portela, 1996  
Edições Antígona  
Apartado 4192  
1504 Lisboa Codex  
Depósito legal n.º 104 297/96  
ISBN 972-608-063-0

EDIÇÕES ANTÍGONA  
LISBOA • 1996

## PREFÁCIO

O *Manuscrito Pickering* é composto por onze folhas, paginadas por Blake de 1 a 22 e com o formato de 20,5 × 15 cm. Contém cópias passadas a limpo de dez poemas, alguns dos quais surgem na sua primeira versão no *Note-Book*, entre aqueles poemas que foram datados para o período 1800-1803. Por esse motivo, é-lhe atribuída geralmente a data de 1803. Só se conhece a história deste manuscrito a partir de 1863, altura em que estaria na posse de D. G. Rossetti, tendo sido citado por Alexander Gilchrist em *The Life of Blake*, publicado nesse mesmo ano. Trinta e seis anos depois da morte de William Blake (1757-1827), esta foi a primeira biografia a originar interesse na sua vida e obra, interesse que continuou a crescer até aos dias de hoje. A partir de 1866 o manuscrito teria sido propriedade de B. M. Pickering, nome pelo qual passou a ser conhecido. Os dez poemas que compõem o manuscrito foram publicados na íntegra pela primeira vez em 1905, na edição organizada por John Sampson, *Poetical Works* (Oxford University Press).

Apesar de apenas terem sido incluídos até hoje em edições das obras completas, ou em antologias, parece-me que este conjunto possui uma unidade de tema, de forma e de acabamento que os destaca da maioria dos poemas do *Note-Book*, e que justifica a sua edição num só livro. Foi esse um dos motivos

que me levou a traduzi-los e a acrescentar também o último poema do *Note-Book* de 1800-1803, «Os Pássaros». Ainda que optando pela quadra e pelo dístico rimados, mais característicos dos seus poemas líricos curtos, encontramos também alguns textos narrativos e por isso mais próximos dos seus poemas mitológicos. O conjunto dos dez poemas do *Manuscrito* parece aproximar-se bastante das *Cantigas da Inocência e da Experiência*, em especial da sequência de experiência. Uma boa parte dos temas recebe aqui novo tratamento: a repressão sexual; a diferença sexual; o conhecimento da morte; as visões dos sonhos; a metamorfose dos seres e das coisas; a violência da tirania e da guerra; a desigualdade e a opressão social; a exploração económica; a comunhão com a natureza; a humanidade de Deus; a compaixão como experiência essencial da vida humana.

As imagens que ilustram *The Gates of Paradise* foram gravadas em 1793, tendo sido publicadas nesse ano com uma página-título diferente da versão posterior. Assim, nesta primeira edição o título era *For Children: The Gates of Paradise* e compunha-se, além daquela página, de dezassete emblemas. A segunda versão foi levada a cabo vários anos depois, tendo sido concluída provavelmente em 1818. Blake voltou àquela obra e gravou mais três chapas, só com texto, para surgirem no final, fazendo ainda acrescentos às legendas de alguns emblemas e alterações ao prólogo. Nesta nova versão, a obra é composta por 21 chapas e tem o título *For the Sexes: The Gates of Paradise*. Só se conhecem cinco cópias desta obra, impressas por Blake depois de 1818. As reproduções aqui incluídas correspondem à cópia de A. G. E. Carthew, ampliadas para o formato de página da Antígona.

Tal como *Uma Ilha na Lua* (1784), ou as *Cantigas da Inocência e da Experiência* (1789, 1794), *Os Portões do Paraíso* partem da tradição da literatura

para crianças. Neste caso, trata-se dos livros de emblemas, que no século XVIII começaram a adaptar-se também para as crianças. O emblema, enquanto forma de poesia visual na qual uma frase curta (por exemplo, de um ou dois versos) servia de legenda a uma gravura simbólica, prestava-se bem às intenções didáctico-alegóricas sobre os caminhos da religião, da virtude ou da razão. Os géneros e formas literárias para crianças, no século XVIII, começavam a estar dominados pela associação entre virtude moral e religiosa, por um lado, e utilidade social e económica, por outro. Foi a reacção romântica dos finais desse século e do início do século XIX que atalhou esse desenvolvimento e recuperou uma boa parte da imaginação e da fantasia da poesia e da ficção popular.

Alguns dos desenhos de Blake — das mulheres, ou das crianças, por exemplo — fazem lembrar as gravuras das obras para crianças deste período, mas o conjunto de cada gravura, pela combinação de elementos inesperados, consegue um efeito de estranheza. A relação entre legenda e imagem é, em alguns casos, indirecta, como o são as relações entre cada um dos emblemas. A interpretabilidade dos emblemas, sem o texto, baseia-se na alegorização da vida humana como um percurso. Esta estratégia é característica da forma do emblema e da tradição religiosa e mística que lhe está ligada. As legendas e, mais tarde, o texto acrescentado por Blake vêm fazer as ligações entre as gravuras, criando uma abstracção narrativa. Apesar disso, a simbolização verbal, especialmente devido a algumas imagens de grande contracção sintáctica e semântica, continua a metamorfosear-se, a cada leitura, num movimento do sentido difícil de fixar. Advém desta grande densidade de imagens o seu nexos quase surreal.

Ao retomar o emblema, de resto uma forma especialmente adequada aos significados místicos,

Blake explora o seu potencial simbólico de maneira mais hermética do que se tornara característico do realismo descritivo do século XVIII, tornando a leitura mais dependente da sua mitologia pessoal do que do senso comum da simbologia cristã. Numa série de imagens dum cristianismo antinomiano, Blake traça um diagrama da vida humana, condicionada pela diferenciação sexual e pela morte. A passagem dos emblemas *Para as Crianças*, de 1793, para o texto *Para os Sexos*, de 1818, revela a centralidade da experiência do crescimento na arte de Blake, que tenta repetidamente transformar os sistemas de símbolos herdados segundo o que lhe parece a natureza dos desejos e dos contrários humanos. Por isso as ligações entre as sequências de símbolos que manipula não têm a transparência alegórica que era usual no gênero, uma vez que Blake distorce e inverte a mitologia de partida. Como acontece em *O Casamento do Céu e do Inferno* (1790), ao desejo do ser humano divinizado opõe o deus satanizado da religião instituída. Parecem ser essas as chaves de um paraíso subtraído à tirania do cristianismo, da morte e da razão, pela força dos contrários, do desejo e do perdão.

MANUEL PORTELA

## POEMAS DO MANUSCRITO PICKERING

## The Smile

There is a Smile of Love,  
And there is a Smile of Deceit,  
And there is a Smile of Smiles  
In which these two Smiles meet.

And there is a Frown of Hate,  
And there is a Frown of disdain,  
And there is a Frown of Frowns  
Which you strive to forget in vain,

For it sticks in the Heart's deep Core  
And it sticks in the deep Back bone;  
And no Smile that ever was smil'd,  
But only one Smile alone,

That betwixt the Cradle & Grave  
It only once Smil'd can be;  
But, when it once is Smil'd,  
There's an end to all Misery.

## O Sorriso

Há um Sorriso d'Amor,  
E um Sorriso d'Enganar,  
E há um entre os Sorrisos  
Em que os dois se vão juntar.

Há uma Cara do Ódio,  
E uma Cara de desdém,  
E há uma entre essas Caras  
Que a memória retém

No Fundo do Coração  
E no mais fundo da Pele;  
E Sorriso houve jamais,  
Sorriso algum como aquele,

Que do Berço até à Cova  
Só Sorri uma vez assim;  
Mas quando ele assim Sorri  
Toda a Tristeza tem fim.

## The Golden Net

Three Virgins at the break of day:  
"Whither, young Man, whither away?  
"Alas for woe! alas for woe!"  
They cry, & tears for ever flow.  
The one was Cloth'd in flames of fire,  
The other Cloth'd in iron wire,  
The other Cloth'd in tears & sighs  
Dazling bright before my Eyes.  
They bore a Net of golden twine  
To hang upon the Branches fine.  
Pitying I wept to see the woe  
That Love & Beauty undergo,  
To be consum'd in burning Fires  
And in ungratified desires,  
And in tears cloth'd Night & day  
Melted all my Soul away.  
When they saw my Tears, a Smile  
That did Heaven itself beguile,  
Bore the Golden Net aloft  
As on downy Pinions soft  
Over the Morning of my day.  
Underneath the Net I stray,  
Now intreating Burning Fire,  
Now intreating Iron Wire,  
Now intreating Tears & Sighs.  
O when will the morning rise?

## A Teia de Ouro

Três Virgens ao dealbar:  
«Moço, havemos de murchar?  
«Ai que dor! E ai que mágoa!»  
Corre o pranto em longa água.  
Uma de fogo Vestida,  
Uma de arame Cingida,  
Outra de pranto & de ais,  
Qual delas deslumbra mais?  
Teia d'ouro, fina trama,  
Armam, bela, sobre a Rama.  
Com pena, chorei a dor  
Que é ver Beleza & Amor  
Nas próprias Chamas arder  
D'anseios por atender,  
Noite & dia o seu pranto  
Pôs-me a Alma em quebranto.  
Ao ver meu Choro, um Sorriso  
Que fez logo o Céu tão liso,  
Como uma Asa macia  
Sobre a Manhã do meu dia  
A Teia d'Ouro estendeu.  
Enredado agora eu,  
Ora corro para o Fogo,  
Ora é Arame o meu rogo,  
Ora o Pranto me desfaz.  
Oh alba, quando virás?



## The Mental Traveller

I travel'd thro' a Land of Men,  
A Land of Men & Women too,  
And heard & saw such dreadful things  
As cold Earth wanderers never knew.

For there the Babe is born in joy  
That was begotten in dire woe;  
Just as we Reap in joy the fruit  
Which we in bitter tears did sow.

And if the Babe is born a Boy  
He's given to a Woman Old,  
Who nails him down upon a rock,  
Catches his shrieks in cups of gold.

She binds iron thorns around his head,  
She pierces both his hands & feet,  
She cuts his heart out at his side  
To make it feel both cold & heat.

Her fingers number every Nerve,  
Just as a Miser counts his gold;  
She lives upon his shrieks & cries,  
And she grows young as he grows old.

Till he becomes a bleeding youth,  
And she becomes a Virgin bright;  
Then he rends up his Manacles  
And binds her down for his delight.

He plants himself in all her Nerves,  
Just as a Husbandman his mould;  
And she becomes his dwelling place  
And Garden fruitful seventy fold.

## O Psiconauta

Viajando em Terra de Homens,  
Terra de Mulheres também,  
Vi coisas assaz terríveis  
Que não sonhara ninguém.

Criança em dor concebida  
Alegre se vê nascer;  
Como da amarga semente  
Se pode o fruto Colher.

Se o Bebê for um Menino  
A uma Velha não escapa:  
Taças d'oiro enche de gritos  
Ao pregá-lo numa lapa.

Faz-lhe coroa de espinhos,  
Crava-lhe o pé & a mão,  
Pra que sinta os arrepios  
Trespasa-lhe o coração.

Cada Nervo os dedos contam,  
Como o Avaro oiros em cova;  
Dos seus gritos se alimenta:  
Faz-se ele velho, ela nova.

Faz-se uma Moça viçosa,  
E ele um moço a sangrar;  
Deixa então suas Grilhetas  
E Prende-a prà desfrutar.

Nos Nervos dela se finca,  
Como o Lavrador na terra;  
E faz dela a sua casa  
E o Jardim onde se encerra.

An aged Shadow, soon he fades,  
Wand'ring round an Earthly Cot,  
Full filled all with gems & gold  
Which he by industry had got.

And these are the gems of the Human Soul,  
The rubies & pearls of a lovesick eye,  
The countless gold of the akeing heart,  
The martyr's groan & the lover's sigh.

They are his meat, they are his drink;  
He feeds the Beggar & the Poor  
And the wayfaring Traveller:  
For ever open is his door.

His grief is their eternal joy;  
They make the roofs & walls to ring;  
Till from the fire on the hearth  
A little Female Babe does spring.

And she is all of solid fire  
And gems & gold, that none his hand  
Dares stretch to touch her Baby form,  
Or wrap her in his swaddling-band.

But She comes to the Man she loves,  
If young or old, or rich or poor;  
They soon drive out the aged Host,  
A Beggar at another's door.

He wanders weeping far away,  
Untill some other take him in;  
Oft blind & age-bent, sore distrest,  
Untill he can a Maiden win.

Já velho, em breve se esvai,  
Correndo em redor da Casa,  
Cheia de gemas & oiro  
A que o labor dera asa.

São as pedras d'Alma Humana,  
Rubis dos olhos d'amor,  
E Oiro dos ais do mártir  
E do coração em dor.

São a carne & são o vinho,  
Que Mendigo & Pobre alerta  
E Viandante andarilho:  
Pois tem sempre porta aberta.

Ele triste, eles contentes;  
Tecto & parede a vibrar;  
"Té do lume da lareira  
Uma Menina brotar.

Toda ela é fogo rijo,  
Oiro & pedras, que ninguém  
Com mão se atreve a tocar,  
Nem pôr-lhe os cueiros alguém.

Chega-se ao Homem que ama,  
Novo ou velho, rico ou pobre;  
Lá se vai o velho Hóspede,  
Vai pedir a quem mais sobre.

Vai-se a chorar para longe,  
Em busca doutra soleira;  
Cego, curvado & com chagas,  
"Té que uma Donzela o queira.

And to allay his freezing Age  
The Poor Man takes her in his arms;  
The Cottage fades before his sight,  
The Garden & its lovely Charms.

The Guests are scatter'd thro' the land,  
For the Eye altering alters all;  
The Senses roll themselves in fear,  
And the flat Earth becomes a Ball;

The stars, sun, Moon, all shrink away,  
A desert vast without a bound,  
And nothing left to eat or drink,  
And a dark desert all around.

The honey of her Infant lips,  
The bread & wine of her sweet smile,  
The wild game of her roving Eye,  
Does him to Infancy beguile;

For as he eats & drinks he grows  
Younger & younger every day;  
And on the desert wild they both  
Wander in terror & dismay.

Like the wild Stag she flees away,  
Her fear plants many a thicket wild;  
While he pursues her night & day,  
By various arts of Love beguil'd,

By various arts of Love & Hate,  
Till the wide desert planted o'er  
With Labyrinths of wayward Love,  
Where roam the Lion, Wolf & Boar,

Pra afastar da Idade o frio  
O Pobre toma-a nos braços;  
Vê a Casa dissipar-se,  
O Jardim & os seus Regaços.

Vão-se Todos pela terra,  
Muda o Olhar, tudo desliza;  
Os Sentidos revolteiam,  
Faz-se Bola a Terra lisa.

Todos os Astros se apagam,  
Tudo é deserto sem fim,  
Nada que se coma ou beba,  
Escuro & medonho confirm.

Mel seus lábios de Criança,  
Pão & vinho o seu sorriso,  
Raça bravia o Olhar,  
Fazem-no Infante sem sizo.

Fica, ao comer & beber,  
Mais novo a cada dia;  
Pelo ermo ambos vagueiam  
Em terror & agonia.

Como o Veado ela foge,  
Seu medo é bosque cerrado;  
Ele segue-a noite & dia,  
Por ardis d'Amor levado,

Por ardis de Amor & Ódio,  
Fica aquele ermo coberto  
De Labirintos onde andam  
Leão, Urso & Lobo perto.

Till he becomes a wayward Babe,  
And she a weeping Woman Old.  
Then many a Lover wanders here;  
The Sun & Stars are nearer roll'd.

The trees bring forth sweet Extacy  
To all who in the desert roam;  
Till many a City there is Built,  
And many a pleasant Shepherd's home.

But when they find the frowning Babe,  
Terror strikes thro' the region wide:  
They cry "The Babe! the Babe is Born!"  
And flee away on Every side.

For who dare touch the frowning form,  
His arm is wither'd to its root;  
Lions, Boars, Wolves, all howling flee,  
And every Tree does shed its fruit.

And none can touch that frowning form,  
Except it be a Woman Old;  
She nails him down upon the Rock,  
And all is done as I have told.

Volta ele a ser Criança,  
E ela Velha a chorar.  
Amantes aqui se perdem;  
Sol & Estrelas a rodar.

Doce Néctar dão as árvores  
A quem no mato se dana;  
Até se erguerem Cidades  
E do Pastor a cabana.

Mas vendo o Bebê horrendo,  
Logo se espalha o terror:  
Gritam "O Bebê nasceu!",  
Fogem cheios de temor.

A quem se atreve a tocar-lhe  
Murcha o braço de raiz;  
Leões, Ursos, Lobos fogem,  
N'Árvore seca a matriz.

Só uma Velha muito velha  
Pode tal forma tocar;  
Prega-o logo sobre a Lapa,  
Volta tudo a começar.

## The Land of Dreams

Awake, awake, my little Boy!  
Thou wast thy Mother's only joy;  
Why dost thou weep in thy gentle sleep?  
Awake! thy Father does thee keep.

"O, what Land is the Land of Dreams?  
"What are its Mountains & what are its Streams?  
"O Father, I saw my Mother there,  
"Among the Lillies by waters fair.

"Among the Lambs, clothed in white,  
"She walk'd with her Thomas in sweet delight.  
"I wept for joy, like a dove I mourn;  
"O! when shall I again return?"

Dear Child, I also by pleasant Streams  
Have wander'd all Night in the Land of Dreams;  
But tho' calm & warm the waters wide,  
I could not get to the other side.

"Father, O Father! what do we here  
"In this Land of unbelief & fear?  
"The Land of Dreams is better far,  
"Above the light of the Morning Star."

## A Terra dos Sonhos

Anda, acorda, meu Menino!  
Foste da Mãe o destino;  
Porque choras a dormir?  
Acorda! Prò Pai te ouvir.

«Que Terra é esta dos Sonhos?  
«Que Águas & Montes risonhos?  
«Pai, eu vi a Mãe tão cara,  
«Junto aos Lírios n'água clara.

«Entre os Cordeiros branquinhos,  
«Nós os dois, & tão juntinhos.  
«Ora sou pomba a velar;  
«Oh! Quando hei-de lá voltar?»

Também por Mares Risonhos  
Andei na Terra dos Sonhos,  
Sem nunca chegar ao extremo  
Dum mar cáldo & supremo.

«Pai, oh Pai! Que faz a gente  
«Nesta Terra tão descrente?  
«Antes a Terra Sonhada,  
«Lá da Estrela d'Alvorada.»

## Mary

Sweet Mary, the first time she ever was there,  
Came into the Ball room among the Fair;  
The young Men & Maidens around her throng,  
And these are the words upon every tongue:

“An Angel is here from the heavenly Climes,  
“Or again does return the Golden times;  
“Her eyes outshine every brilliant ray,  
“She opens her lips — ’tis the Month of May.”

Mary moves in soft beauty & conscious delight  
To augment with sweet smiles all the joys of the Night,  
Nor once blushes to own to the rest of the Fair  
That sweet Love & Beauty are worthy our care.

In the Morning the Villagers rose with delight  
And repeated with pleasure the joys of the night,  
And Mary arose among Friends to be free,  
But no Friend from henceforward thou, Mary, shalt see.

Some said she was proud, some call’d her a whore,  
And some, when she passed by, shut to the door;  
A damp cold came o’er her, her blushes all fled;  
Her lillies & roses are blighted & shed.

“O, why was I born with a different Face?  
“Why was I not born like this Envious Race?  
“Why did Heaven adorn me with bountiful hand,  
“And then set me down in an envious Land?

“To be weak as a Lamb & smooth as a dove,  
“And not to raise Envy, is call’d Christian Love;  
“But if you raise Envy your Merit’s to blame  
“For planting such spite in the weak & the tame.

## Maria

Quando, pela vez primeira,  
Ela foi ao Baile da Feira,  
Acode a Moça & o Moço,  
Vai nas bocas alvoroço:

«Chegou um Anjo celeste,  
«Idade d’Oiro terrestre;  
«Seus olhos, supremo raio,  
«Seus lábios — o Mês de Maio!»

Anda & sorri com doçura,  
Enche a Noite de ventura  
Toma a Feira sem corar,  
Tal Amor prende o olhar.

De Manhã, com tal presteza,  
Querem da noite a beleza;  
Entre Amigos, livre se quer,  
Sem Amigos se há-de ver.

Pra uns vaidosa, outros, puta,  
Fecham-lhe a porta, à escuta;  
Gelada, perdeu a cor;  
Rosa & lírio, o fulgor.

«Porque nasci eu diferente?  
«E não como toda a Gente?  
«O Céu, pra mim generoso,  
«Deitou-me a Mundo invejoso?

«Se ser pomba & ser Cordeiro  
«É ser Cristão verdadeiro,  
«Causar Inveja é ser culpado  
«Pelo despeito plantado.

"I will humble my Beauty, I will not dress fine,  
"I will keep from the Ball, & my Eyes shall not shine;  
"And if any Girl's Lover forsakes her for me,  
"I'll refuse him my hand & from Envy be free."

She went out in Morning attir'd plain & neat;  
"Proud Mary's gone Mad," said the Child in the Street;  
She went out in Morning in plain neat attire,  
And came home in Evening bespatter'd with mire.

She trembled & wept, sitting on the Bed side;  
She forgot it was Night, & she trembled & cried;  
She forgot it was Night, she forgot it was Morn,  
Her soft Memory imprinted with Faces of Scorn,

With Faces of Scorn & with Eyes of disdain  
Like foul Fiends inhabiting Mary's mild Brain;  
She remembers no Face like the Human Divine.  
All Faces have Envy, sweet Mary, but thine;

And thine is a Face of sweet Love in despair;  
And thine is a Face of mild sorrow & care,  
And thine is a Face of wild terror & fear  
That shall never be quiet till laid on its bier.

«Vou vestir um velho xaipe,  
«Baixo os Olhos, deixo o Baile;  
«Quem por mim Outra trocar  
«Minha mão vou recusar.»

Sai, singela & asseada;  
«Maria Doida» é chamada;  
Limpa sai de Manhãzinha,  
Chega com lama à Noitinha.

À beira da Cama, chora;  
Seria de Noite agora,  
Ou chegara já o Dia?  
O Desprezo a consumia.

Rostos, Olhos, de desdém,  
Cruéis, o Cér'bro retém;  
Qual Divino Rosto Humano,  
Só no teu não há Engano;

Rosto de Amor tresloucado,  
De doce mágoa & cuidado,  
De fundo terror & medo,  
Só no caixão tem sossego.

## The Crystal Cabinet

The Maiden caught me in the Wild,  
Where I was dancing merrily;  
She put me into her Cabinet  
And Lock'd me up with a golden Key.

This Cabinet is form'd of Gold  
And Pearl & Crystal shining bright,  
And within it opens into a World  
And a little lovely Moony Night.

Another England there I saw,  
Another London with its Tower,  
Another Thames & other Hills,  
And another pleasant Surrey Bower,

Another Maiden like herself,  
Translucent, lovely, shining clear,  
Threefold each in the other clos'd —  
O, what a pleasant trembling fear!

O, what a smile! a threefold Smile  
Fill'd me, that like a flame I burn'd;  
I bent to Kiss the lovely Maid,  
And found a Threefold Kiss return'd.

I strove to sieze the inmost Form  
With ardor fierce & hands of flame,  
But burst the Crystal Cabinet,  
And like a Weeping Babe became —

A weeping Babe upon the wild,  
And Weeping Woman pale reclin'd,  
And in the outward air again  
I fill'd with woes the passing Wind.

## A Papeleira de Cristal

Ela apanhou-me na Clareira,  
Onde eu dançava contente;  
Fechou-me na Papeleira  
Com a Chave refulgente.

Papeleira, d'Oiro feita,  
De Pérolas & Cristal,  
Lá dentro brilha Orbe estreita,  
Noite & Lua de dedal.

Vi aí outra Inglaterra,  
Outra Londres com a Torre,  
Outro Tamisa, Outra Serra,  
Outras Latadas do Surrey,

Como ela outra Donzela,  
Translúcida & a brilhar,  
Três vezes fechado eu nela —  
Que prazer de arrepiar!

Oh, que Sorriso invulgar!  
Me fez arder como chama;  
Inclinei-me prà Beijar  
E que Beijo me reclama.

Quis de dentro a Forma inteira  
Com ardor & mãos de fogo,  
Mas partiu-se a Papeleira,  
Fez-se ela Criança logo —

Bebé perdido a chorar,  
Mulher em Pranto & sem cor,  
E eu cá fora no ar  
Dei ao Vento a minha dor.



## The Grey Monk

"I die, I die!" the Mother said,  
"My Children die for lack of Bread.  
"What more has the merciless Tyrant said?"  
The Monk sat down on the Stony Bed.

The blood red ran from the Grey Monk's side,  
His hands & feet were wounded wide,  
His Body bent, his arms & knees  
Like to the roots of ancient trees.

His eye was dry; no tear could flow:  
A hollow groan first spoke his woe.  
He trembled & shudder'd upon the Bed;  
At length with a feeble cry he said:

"When God commanded this hand to write  
"In the studious hours of deep midnight,  
"He told me the writing I wrote should prove  
"The Bane of all that on Earth I lov'd.

"My Brother starv'd between two Walls,  
"His Children's Cry my Soul appalls;  
"I mock'd at the wrack & griding chain,  
"My bent body mocks their torturing pain.

"Thy Father drew his sword in the North,  
"With his thousands strong he marched forth;  
"Thy Brother has arm'd himself in Steel  
"To avenge the wrongs thy Children feel.

"But vain the Sword & vain the Bow,  
"They never can work War's overthrow.  
"The Hermit's Prayer & the Widow's tear  
"Alone can free the World from fear.

## O Velho Monge

«Morro! Morro!» disse a Mãe,  
«Meus Filhos, sem Pão, também!  
Que mais disse esse Opressor?»  
No Catre pousa o Prior.

Seu lado sangue escorria,  
Mãos & pés a chaga abria,  
Braços & pernas caídas,  
Quais raízes carcomidas.

Pára dos olhos a água:  
Diz um ai a sua mágoa.  
Soluçando sobre o Leito,  
Sai-lhe a custo a voz do peito:

«Quis Deus que esta mão se afoite  
«A escrever à meia-noite,  
«Bem me disse que essa escrita  
«Traria aos meus a Desdita.

«Morreu-me o Irmão na Cela,  
«A Dor dos filhos me gela;  
«Ri-me da grillheta dura,  
«Verga-se o corpo à tortura.

«Teu Pai espada ergueu no Norte,  
«E marchou com sua coorte;  
«Teu Irmão se foi armar  
«E os teus Filhos quis vingar.

«Vão o Arco, & vâ a Espada,  
«Nunca a Guerra é acabada.  
«Só a Prece & o Pranto fundo  
«Poderão livrar o Mundo.

“For a Tear is an Intellectual Thing,  
“And a Sigh is the Sword of an Angel King,  
“And the bitter groan of the Martyr’s woe  
“Is an Arrow from the Almighty’s Bow.

“The hand of Vengeance found the Bed  
“To which the Purple Tyrant fled;  
“The iron hand crush’d the Tyrant’s head  
“And became a Tyrant in his stead.”

•Pranto é Ser do Pensamento,  
•Arma d’Anjo é o Lamento,  
•E do Mártir o estertor  
•É uma Seta do Senhor.

•Mão da Vingança & do dano  
•Foi-se à Cama do Tirano,  
•Sua cabeça esmagar,  
•E tomar o seu lugar.»

## Auguries of Innocence

To see a World in a Grain of Sand  
And a Heaven in a Wild Flower,  
Hold Infinity in the palm of your hand  
And Eternity in an hour.

A Robin Red breast in a Cage  
Puts all Heaven in a Rage.  
A dove house fill'd with doves & Pigeons  
Shudders Hell thro' all its regions.  
A dog starv'd at his Master's Gate  
Predicts the ruin of the State.  
A Horse misus'd upon the Road  
Calls to Heaven for Human blood.  
Each outcry of the hunted Hare  
A fibre from the Brain does tear.  
A Skylark wounded in the wing,  
A Cherubim does cease to sing.  
The Game Cock clip'd & arm'd for fight  
Does the Rising Sun affright.  
Every Wolf's & Lion's howl  
Raises from Hell a Human Soul.  
The wild deer, wand'ring here & there  
Keeps the Human Soul from Care.  
The Lamb misus'd breeds Public strife  
And yet forgives the Butcher's Knife.  
The Bat that flits at close of Eve  
Has left the Brain that won't Believe.  
The Owl that calls upon the Night  
Speaks the Unbeliever's fright.  
He who shall hurt the little Wren  
Shall never be belov'd by Men.  
He who the Ox to wrath has mov'd  
Shall never be by Woman lov'd.

## Augúrios da Inocência

Ver num Grão de Areia um Mundo,  
Um Céu numa Flor Silvestre,  
Ter na mão o Infinito,  
Numa hora a Eternidade.

Um Pisco no Cativoiro  
Enfurece o Céu inteiro.  
As Pombinhas no pombal  
Causam abalo Infernal.  
Cão esfaimado pelo Dono  
Prediz do Estado abandono.  
Cavalo em Estrada abusado,  
Sangue Humano reclamado.  
Grito da Lebre acossada,  
Fibra do Cér'bro rasgada.  
Asa frida à Cotovia  
Um Querubim silencia.  
Galo armado prò combate  
O Sol Nascente rebate.  
Lobo & Leão a rugir  
Do Inferno Alma a sair.  
Os veados a correr  
Guardam Almas do Sofrer.  
Má sina o trato ao Cordeiro  
Que perdoa ao carniceiro.  
Morcego à Noite a voar  
Vem do Cér'bro duvidar.  
Da Coruja à Noite o pio  
Do Descrente é arrepio.  
Quem magoar a Carriça  
Amor d' Homem não atíça.  
Quem o Boi levar à ira  
Amor de Mulher fugira.

The wanton Boy that kills the Fly  
Shall feel the Spider's enmity.  
He who torments the Chafer's sprite  
Weaves a Bower in endless Night.  
The Catterpillar on the Leaf  
Repents to thee thy Mother's grief.  
Kill not the Moth nor Butterfly,  
For the Last Judgment draweth nigh.  
He who shall train the Horse to War  
Shall never pass the Polar Bar.  
The Begger's Dog & Widow's Cat,  
Feed them & thou wilt grow fat.  
The Gnat that sings his Summer's song  
Poison gets from Slander's tongue.  
The poison of the Snake & Newt  
Is the sweat of Envy's Foot.  
The Poison of the Honey Bee  
Is the Artist's Jealousy.  
The Prince's Robes & Beggar's Rags  
Are Toadstools on the Miser's Bags.  
A truth that's told with bad intent  
Beats all the Lies you can invent.  
It is right it should be so;  
Man was made for Joy & Woe;  
And when this we rightly know  
Thro' the World we safely go.  
Joy & Woe are woven fine,  
A Clothing for the Soul divine;  
Under every grief & pine  
Runs a joy with silken twine.  
The Babe is more than swaddling Bands;  
Throughout all these Human Lands  
Tools were made, & Born were hands,  
Every Farmer Understands.

O Rapaz que a Mosca apanha  
Também acicata Aranha.  
Quem prò Besouro é ruim  
Tece na Noite sem fim.  
A Lagarta na Folhinha  
Lembra-te a dor da Mãezinha.  
Traça ou Borboleta morta,  
Dia do Juízo à porta.  
Criar Cavalo prà Guerra  
É prender-se a esta Terra.  
Quem Cão & Gato alimenta  
A si mesmo se sustenta.  
O Mosquito zumbidor  
Toma fel Caluniador.  
V'nenos de Cobra & Tritão,  
Suor dos Pés d'Ambição.  
O Ferrão que Abelha invista  
É Inveja do Artista.  
Traje de Rei ou Esmoleiro,  
Cogumelos d'Usureiro.  
A verdade com maldade  
Vence Engano em crueldade.  
Nós somos deste teor:  
Prà Alegria & prà Dor;  
E sabendo isso no fundo  
Vamos seguros p'lo Mundo.  
Alegria & Dor tão fina,  
Cobrem a Alma divina;  
Cada pena, por usança,  
Com a alegria se enrança.  
O Bebê não é só Cueiro;  
Pelo Orbe Humano inteiro  
Nasceu mão, houve labor,  
Bem o vê o Lavrador.

Every Tear from Every Eye  
Becomes a Babe in Eternity;  
This is caught by Females bright  
And return'd to its own delight.  
The Bleat, the Bark, Bellow & Roar  
Are Waves that Beat on Heaven's Shore.  
The Babe that weeps the Rod beneath  
Writes Revenge in realms of death.  
The Beggar's Rags, fluttering in Air,  
Does to Rags the Heavens tear.  
The Soldier, arm'd with Sword & Gun,  
Palsied strikes the Summer's Sun.  
The poor Man's Farthing is worth more  
Than all the Gold on Afric's Shore.  
One Mite wrung from the Labrer's hands  
Shall buy & sell the Miser's Lands:  
Or, if protected from on high,  
Does that whole Nation sell & buy.  
He who mocks the Infant's Faith  
Shall be mock'd in Age & Death.  
He who shall teach the Child to Doubt  
The rotting Grave shall ne'er get out.  
He who respects the Infant's Faith  
Triumphs over Hell & Death.  
The Child's Toys & the Old Man's Reasons  
Are the Fruits of the Two seasons.  
The Questioner, who sits so sly,  
Shall never know how to Reply.  
He who replies to words of Doubt  
Doth put the Light of Knowledge out.  
The Strongest Poison ever known  
Came from Caesar's Laurel Crown.  
Nought can deform the Human Race  
Like to the Armour's iron brace.

Por cada Lágrima terna  
Criança na Vida Eterna;  
Belas Mulheres as tomam  
E a alegria lhes renovam.  
Balir, Ladrar & Gemer,  
Ondas no Céu a Bater.  
Criança à Vara açoitada  
É pela morte Vingada.  
Do Pobre os Trapos ao Léu  
Rasgam em Trapos o Céu.  
O Soldado, de Arma & Espada,  
Fere o Sol numa estocada.  
Vale mais Tostão de Pobre  
Que d'África Oiro que sobre.  
Migalha do Jornaleiro  
Compra as terras do Banqueiro:  
Ou, com alta protecção,  
Vende & compra essa Nação.  
Quem da Fé d'Infante mofa  
Velho & Morto é galhofa.  
Faz a Criança Descrer  
Na Cova há-de apodrecer.  
Quem a Criança respeita  
Inferno & Morte sujeita.  
Jogos & Velhas Razões  
São Frutos das Estações.  
O Perguntador manhoso  
Na Resposta é mentiroso.  
Quem replicar ao Descrer  
Tira a Luz ao Conhecer.  
O Veneno Sem Igual  
Veio nos Louros fatal.  
Nada como a Armadura  
Raça Humana desfigura.

When Gold & Gems adorn the Plow  
To peaceful Arts shall Envy Bow.  
A Riddle or the Cricket's Cry  
Is to Doubt a fit Reply.  
The Emmet's Inch & Eagle's Mile  
Make Lame Philosophy to smile.  
He who Doubts from what he sees  
Will ne'er Believe, do what you Please.  
If the Sun & Moon should doubt,  
They'd immediately Go out.  
To be in a Passion you Good may do,  
But no Good if a Passion is in you.  
The Whore & Gambler, by the State  
Licenc'd, build that Nation's Fate.  
The Harlot's cry from Street to Street  
Shall weave Old England's winding Sheet.  
The Winner's Shout, the Loser's Curse,  
Dance before dead England's Hearse.  
Every Night & every Morn  
Some to Misery are Born.  
Every Morn & every Night  
Some are Born to sweet delight.  
Some are Born to sweet delight,  
Some are Born to Endless Night.  
We are led to Believe a Lie  
When we see not Thro' the Eye  
Which was Born in a Night to perish in a Night  
When the Soul Slept in Beams of Light.  
God Appears & God is Light  
To those poor Souls who dwell in Night,  
But does a Human Form Display  
To those who Dwell in Realms of day.

Gema & Oiro na Enxada,  
Paz p'lo Arco cobiçada.  
Grilo a Cantar, Adivinha,  
Réplica à Descrença minha.  
Passo d'Águia ou de Formiga  
A Filosofia miga.  
Quem Duvida do olhar  
Nunca há-de Acreditar.  
Sol & Lua em duvidando  
Logo se iam Apagando.  
Com Paixão fazes o Bem;  
Nenhum se a Paixão te tem.  
Putá & Jogador, no Estado,  
Traçam da Nação o Fado.  
Da Prostituta a pregalha  
D'Inglaterra é a Mortalha.  
Os Berros dos Jogadores,  
D'Inglaterra enterradores.  
Cada Noite & Dealbar  
Alguns Nascem pra Penar.  
Cada Noite & cada Dia  
Alguns Nascem pr'alegria.  
Alguns prò doce festim,  
Outros prà Noite Sem Fim.  
Não pode Crer em Antolhos  
Quem vê Através dos Olhos,  
À Noite Nado & acabado,  
Alma em Sono Iluminado.  
Surge Deus & Deus é Luz,  
Almas da Noite seduz,  
Mas pràs que Vivam de Dia  
Humana Forma Assumia.

## Long John Brown & Little Mary Bell

Little Mary Bell had a Fairy in a Nut,  
Long John Brown had the Devil in his Gut;  
Long John Brown lov'd Little Mary Bell,  
And the Fairy drew the Devil into the Nut-shell.

Her Fairy Skip'd out & her Fairy Skip'd in;  
He laugh'd at the Devil saying 'Love is a Sin.'  
The Devil he raged & the Devil he was wroth,  
And the Devil enter'd into the Young Man's broth.

He was soon in the Gut of the loving Young Swain,  
For John eat & drank to drive away Love's pain;  
But all he could do he grew thinner & thinner,  
Tho' he eat & drank as much as ten Men for his dinner.

Some said he had a Wolf in his stomach day & night,  
Some said he had the Devil & they guess'd right;  
The fairy skip'd about in his Glory, Joy & Pride,  
And he laugh'd at the Devil till poor John Brown died.

Then the Fairy skip'd out of the old Nut shell,  
And woe & alack for Pretty Mary Bell!  
For the Devil crept in when the Fairy skip'd out,  
And there goes Miss Bell with her fusty old Nut.

## O João Grandalhão & a Mariazinha

A Mariazinha tinha uma Fada numa Noz,  
O João Grandalhão tinha o Diabo na Tripa;  
O João Grandalhão gostava da Mariazinha,  
E a Fada atraiu o Diabo à casquinha.

A Fada Saltou pra fora & depois Saltou pra dentro;  
Riu-se do Diabo e disse: «Olha que Amor é Pecado».  
O Diabo irritou-se & lá ficou muito irritado  
E não tardou, Catrapás, caiu ao caldo do Rapaz.

Depressa se viu na Tripa daquele Rapagão,  
Pois, pra esquecer, bebia & comia o pobre João;  
Por mais que comesse & comesse, mais magro ficava,  
Bebesse & comesse por dez até, quando almoçava.

Pr'alguns trazia Lobo na pança, noite & dia;  
Pra outros era o Diabo, & eram quem bem sabia;  
Pulou a fada, de Glória, de Orgulho & de Prazer,  
Riu-se do Diabo até o João Grandalhão morrer.

Depois saltou pra fora da velha casca de Noz,  
E aí coitada da pobre & Bonita Mariazinha!  
Pois logo entrou o Diabo assim que a Fada saiu,  
E lá se vai a Menina mai-la sua Nozinha.

## William Bond

I wonder whether the Girls are mad,  
And I wonder whether they mean to kill,  
And I wonder if William Bond will die,  
For assuredly he is very ill.

He went to Church in a May morning  
Attended by Fairies, one, two & three;  
But the Angels of Providence drove them away,  
And he return'd home in Misery.

He went not out to the Field nor Fold,  
He went not out to the Village nor Town,  
But he came home in a black, black cloud,  
And took to his Bed & there lay down.

And an Angel of Providence at his Feet,  
And an Angel of Providence at his Head,  
And in the midst a Black, Black Cloud,  
And in the midst the Sick Man on his Bed.

And on his Right hand was Mary Green,  
And on his Left hand was his Sister Jane,  
And their tears fell thro' the black, black Cloud,  
To drive away the sick man's pain.

"O William, if thou dost another Love,  
"Dost another Love better than poor Mary,  
"Go & take that other to be thy Wife,  
"And Mary Green shall her Servant be."

"Yes, Mary, I do another Love,  
"Another I Love far better than thee,  
"And Another I will have for my Wife;  
"Then what have I to do with thee?"

## William Bond

Serão doidas as Meninas?  
Quererão mesmo matar?  
William Bond vai morrer?  
Está-se mesmo a finir.

Fora-se em Maio à Igreja  
Com uma, duas, três Fadas;  
Mas os Anjos afastaram-nas,  
Voltou pra casa sem nada.

Não foi à Horta, ao Curral,  
Nem à Vila ou à Cidade,  
Mas trouxe uma nuvem negra,  
Foi pra Cama de verdade.

Tinha um Anjo à Cabeceira  
E outro Anjinho a seus Pés,  
No meio estava o Doente,  
A Nuvem Negra a través.

A Mana Jane à Esquerda,  
E Mary Green à Direita,  
Pranteavam sobre a Nuvem  
Pra dissipar a maleita.

«Se é outra quem tu Queres,  
«Mais qu'esta Mary coitada,  
«Toma-a por tua Mulher  
«Que eu serei sua Criada.»

«Sim, Mary, Amo quem sei  
«E muito mais do que a ti,  
«Outra Mulher tomarei;  
«Assim que te devo a ti?»



“For thou art Melancholy Pale,  
“And on thy Head is the cold Moon’s shine,  
“But she is ruddy & bright as day,  
“And the sun beams dazzle from her eyne.”

Mary trembled & Mary chill’d  
And Mary fell down on the right hand floor,  
That William Bond & his Sister Jane  
Scarce could recover Mary more.

When Mary woke & found her Laid  
On the Right hand of her William dear,  
On the Right hand of his loved Bed,  
And saw her William Bond so near,

The Fairies that fled from William Bond  
Danced around her Shining Head;  
They danced over the Pillow white,  
And the Angels of Providence left the Bed.

I thought Love liv’d in the hot sun shine,  
But O, he lives in the Moony light!  
I thought to find Love in the heat of day,  
But sweet Love is the Comforter of Night.

Seek Love in the Pity of others’ Woe,  
In the gentle relief of another’s care,  
In the darkness of night & the winter’s snow,  
In the naked & outcast, Seek Love there!

«És Branca Melancolia,  
«Trazes o frio do Luar,  
«Ela tem a cor do dia,  
«Raia o sol no seu olhar.»

E Mary nesse momento,  
Desfalece & cai no chão,  
Mal lhe cobram o alento,  
Will & Jane, em aflição.

Acordando viu seu peito  
À Direita do Amado,  
À Direita no seu Leito,  
Com ele ali tão chegado,

As Fadas que o abandonaram,  
Brilhando naquela hora,  
Sobre a Almofada dançaram;  
Foram-se os Anjos embora.

Cria que Amor ao sol vivia,  
E ele vive é ao Luar!  
Busquei-o em pleno dia,  
E ele a Noite a Consolar.

Busca Amor na Compaixão,  
No alívio dos cuidados,  
Na neve & na escuridão,  
Entre os nus & exilados!

## The Birds

He. Where thou dwellest, in what Grove  
Tell me, Fair one, tell me, love;  
Where thou thy charming Nest dost build,  
O thou pride of every field!

She. Yonder stands a lonely tree,  
There I live & mourn for thee.  
Morning drinks my silent tear,  
And evening winds my sorrows bear.

He. O thou Summer's harmony,  
I have liv'd & mourn'd for thee.  
Each day I mourn along the wood,  
And night hath heard my sorrows loud.

She. Dost thou truly long for me?  
And am I thus sweet to thee?  
Sorrow now is at an End,  
O my Lover & my Friend!

He. Come, on wings of joy we'll fly  
To where my Bower hangs on high!  
Come, & make thy calm retreat  
Among green leaves & blossoms sweet!

## Os Pássaros

Macho: Ó orgulho da campina!  
O teu Ninho onde se empina?  
Qual é o teu Arvoredo?  
Diz-me, Amor, esse segredo.

Fêmea: Na árvore que vês além  
A mágoa por ti me tem.  
Bebe a manhã o lamento,  
Leva o pranto à noite o vento.

Macho: Por ti, fulgor do Verão,  
Vive & pena o coração.  
Ouvem-se p'los matagais  
Noite & dia os meus ais.

Fêmea: A mim mesma me desejas  
Que tão doce assim me vejas?  
Chega a mágoa ao Fim contigo,  
Meu Amor & meu Amigo!

Macho: Vem, nas asas, vem voar  
Lá ao cimo ao meu Lugar!  
Vem, aninha as tuas dores  
Entre folhas, entre flores!

FOR THE SEXES:  
THE GATES OF PARADISE

First engraved 1793  
Additions made about 1818

[FRONTISPIECE]

What is Man?  
The Sun's Light when he unfolds it  
Depends on the Organ that beholds it.

PARA OS SEXOS:  
OS PORTÕES DO PARAÍSO

Gravado pela primeira vez em 1793  
Acrescentos feitos por volta de 1818

[FRONTISPÍCIO]



O que é o Homem?  
Toda a Luz que o Sol mostrar  
Depende do nosso Olhar.

[PROLOGUE]

Mutual Forgiveness of each Vice,  
Such are the Gates of Paradise.  
Against the Accuser's chief desire,  
Who walk'd among the Stones of Fire,  
Jehovah's Finger Wrote the Law:  
Then Wept! then rose in Zeal & Awe,  
And the Dead Corpse from Sinai's heat  
Buried beneath his Mercy Seat.  
O Christians, Christians! tell me Why  
You rear it on your Altars high.

[PRÓLOGO]

Do Mal o mútuo Perdão,  
Do Paraíso é Portão.  
Foi contra o Acusador,  
No Sinai abrasador,  
Que Jeová Lavrou a Tábua:  
Depois, Zeloso & em Mágoa,  
Corpo que o calor Matou  
No próprio Assento enterrou.  
Tu, Cristão, hás-de Explicar  
Por que o crias no Altar.



1

*I found him beneath a Tree.*  
Colhi-o junto a uma Árvore.



2

*Water*

*Thou waterest him with Tears:*

Água

Teu Pranto é seu alimento:

56



3

*Earth*

*He struggles into Life*

Terra

Nasce numa luta aflita,

57



4

*Air*

*On Cloudy Doubts & Reasoning Cares*

Ar

Dúvida & Razão, Tormento,

58



5

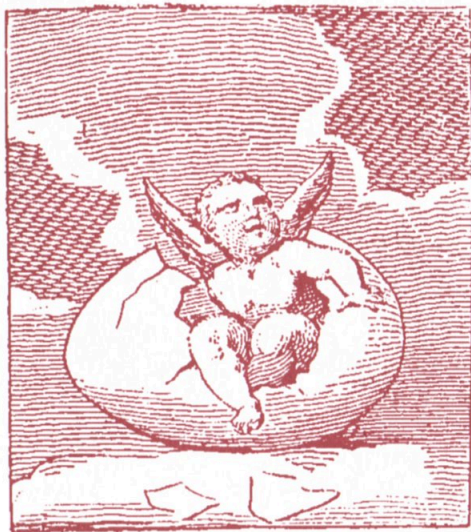
*Fire*

*That end in endless Strife.*

Fogo

Acaba em Guerra infinita.

59



6

*At length for hatching ripe  
he breaks the shell.*

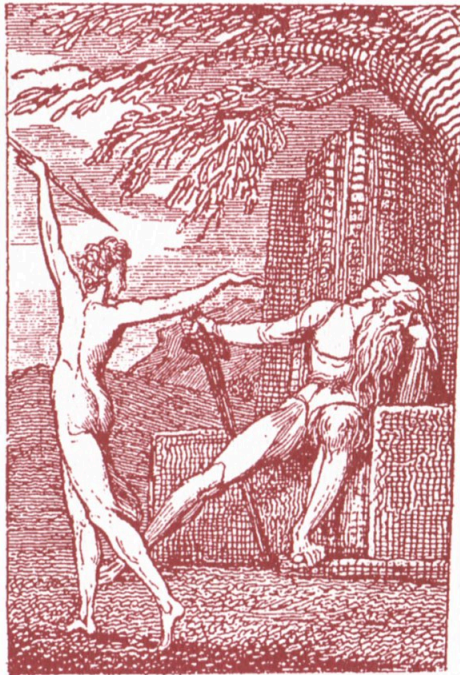
Por fim, maduro o ovo,  
ele sai da casca.



7

*What are these? Alas! the Female Martyr,  
Is She also the Divine Image?*

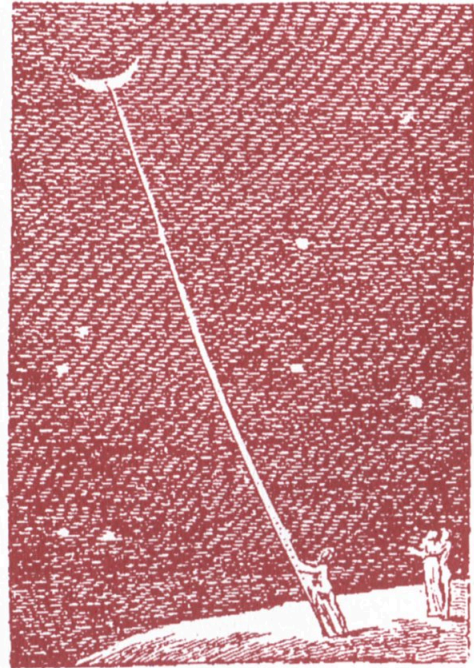
Estas quem são? Ai de mim! A Fêmea Mártir  
será também a Imagem Divina?



8

*My Son! my Son!*  
Meu Filho! Meu Filho!

62



9

*I want! I want!*  
Eu quero! Eu quero!

63

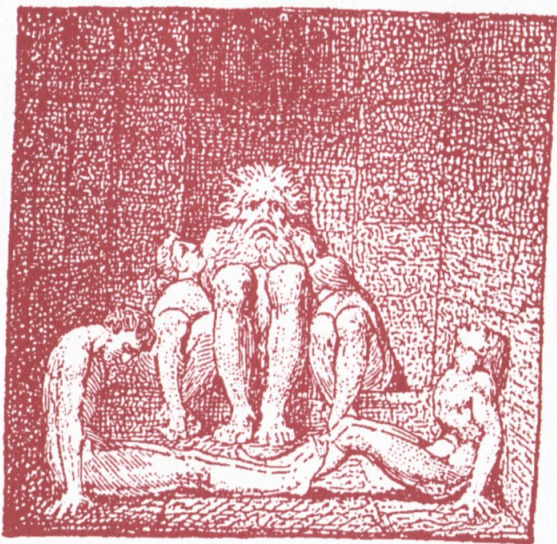




10  
*Help! Help!*  
Socorro! Socorro!



11  
*Aged Ignorance*  
*Perceptive Organs closed, their Objects close.*  
Ignorância Velha  
Fechados os Órgãos da percepção, fecha-se o seu Objecto.



12

*Does thy God, O Priest, take such vengeance  
as this?*

É o teu Deus, Oh Padre, quem assim  
se vinga?

66



13

*Fear & Hope are — Vision.  
Medo & Esperança são — Visão.*

67



14

*The Traveller hasteth in the  
Evening:*  
Apressa-se o Caminheiro ao cair  
da Noite.

68



15

*Death's Door*  
A Porta da Morte

69



16

*I have said to the Worm:  
Thou art my mother & my sister.*  
Disse eu ao Verme:  
És minha mãe & minha irmã.

70



## The Keys

The Caterpillar on the Leaf  
Reminds thee of thy Mother's Grief.

## of the Gates

My Eternal Man set in Repose,  
The Female from his darkness rose  
And She found me beneath a Tree,  
A Mandrake, & in her Veil hid me.  
Serpent Reasonings us entice  
Of Good & Evil, Virtue & Vice.  
Doubt Self Jealous, Wat'ry folly,  
Strugglin' thro' Earth's Melancholy.  
Naked in Air, in Shame & Fear,  
Blind in Fire with shield & spear,  
Two Horn'd Reasoning, Cloven Fiction,  
In Doubt, which is Self contradiction,  
A dark Hermaphrodite We stood,  
Rational Truth, Root of Evil & Good.  
Round me flew the Flaming Sword;  
Round her snowy Whirlwinds roar'd,  
Freezing her Veil, the Mundane Shell.  
I rent the Veil where the Dead dwell:  
When weary Man enters his Cave  
He meets his Saviour in the Grave  
Some find a Female Garment there,  
And some a Male, woven with care,  
Lest the sexual Garments sweet  
Should grow a devouring Winding sheet,  
One Dies! Alas! the Living & Dead,  
One is slain & One is fled.

## As Chaves

A Lagarta na Folhinha  
Lembra-te a Dor da Mãezinha.

## dos Portões

Homem Eterno ao Jazer,  
Das trevas se ergueu Mulher,  
Junto à Árvore me colheu,  
Mandrágora, & me escondeu.  
Da Serpe o Pensar propício:  
Bem & Mal, Virtude & Vício.  
Dúvida, loucura d'Água,  
Rebenta p'la Terra em Mágoa.  
No Ar Nua, Atormentada,  
Cega de Fogo, & escudada,  
Nos dois Cornos da Razão —  
Dúvida é contradição,  
Que Fende a Ficção maldita —  
Nós, qual negro Hermafrodita,  
A Verdade racional,  
Raiz do Bem & do Mal.  
Espada a Arder me cingia;  
E a ela a Ventania  
Gelou-lhe a Concha Precária,  
Que eu alugo temporária:  
Ao descer à Cova em dor  
Aí se encontra o Salvador,  
De Fêmea ou Macho Vestidos,  
Doces e finos tecidos,  
Não vá do sexo o Vestuário,  
Tornar-se um voraz Sudário.  
A Gente morre! & Falecida  
Cessa & se vê sumida.

In Vain-glory hatcht & nurst,  
By double Spectres Self Accurst,  
My Son! my Son! thou treatest me  
But as I have instructed thee.  
On the shadows of the Moon  
Climbing thro' Night's highest noon.  
In Time's Ocean falling drown'd.  
In Aged Ignorance profound,  
Holy & cold, I clip'd the Wings  
Of all Sublunary Things,  
And in depths of my Dungeons  
Closed the Father & the Sons.  
But when once I did descry  
The Immortal Man that cannot Die,  
Thro' evening shades I haste away  
To close the Labours of my Day.  
The Door of Death I open found  
And the Worm Weaving in the Ground:  
Thou'rt my Mother from the Womb,  
Wife, Sister, Daughter, to the Tomb,  
Weaving to Dreams the Sexual strife  
And weeping over the Web of Life.

Na Vanglória incubado  
Por Espectro Amaldiçoado,  
Meu Filho! O que me fizeste  
Foi de mim que o aprendeste.  
Quer nas sombras do Luar  
Pino da Noite alcançar.  
No Mar do Tempo se afunda.  
Na Ignorância mais profunda,  
Eu cortei as Asas puras  
A todas as Criaturas,  
E nos fundos Calabouços  
Pai & Filhos pus em poços.  
Eis que entrevi afinal:  
Não Morre Homem Imortal,  
Cai já a noite sombria  
Sobre o Labor do meu Dia.  
Da Morte aberto o Portão,  
Casula o Verme no Chão:  
Irmã, Mãe, Filha & Mulher,  
Do Ventre à Cova és meu ser,  
Teces dos Sexos a lida,  
Prantas na Teia da Vida.

[EPILOGUE]

To The Accuser who is  
The God of This World

Truly, My Satan, thou art but a Dunce,  
And dost not know the Garment from the Man.  
Every Harlot was a Virgin once,  
Nor can'st thou ever change Kate into Nan.

Tho' thou art Worship'd by the Names Divine  
Of Jesus & Jehovah, thou art still  
The Son of Morn in weary Night's decline,  
The lost Traveller's Dream under the Hill.

[EPÍLOGO]

Ao Acusador que é  
O Deus Deste Mundo

Satanás, és Burro, escuta:  
Não vês d'Humano a Roupagem.  
Foi Virgem a Prostituta,  
Nan não é da Kate imagem.

Chamem-te o Nome Altaneiro  
Jesus & Jeová, ainda  
És Sonho do Caminheiro,  
Filho d'Alba a Noite finda.

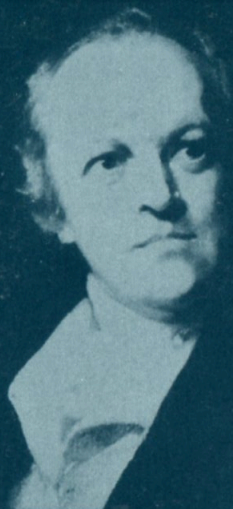
## ÍNDICE

- 7 Prefácio

### POEMAS DO MANUSCRITO PICKERING

- 12 *The Smile*  
13 O Sorriso  
14 *The Golden Net*  
15 A Teia de Ouro  
16 *The Mental Traveller*  
17 O Psiconauta  
24 *The Land of Dreams*  
25 A Terra dos Sonhos  
26 *Mary*  
27 Maria  
30 *The Crystal Cabinet*  
31 A Papeleira de Cristal  
32 *The Grey Monk*  
33 O Velho Monge  
36 *Auguries of Innocence*  
37 Augúrios da Inocência  
44 *Long John Brown & Little Mary Bell*  
45 O João Grandalhão & a Mariazinha  
46 *William Bond*  
47 William Bond  
50 *The Birds*  
51 Os Pássaros  
52 *For the Sexes: The Gates of Paradise*  
53 Para os Sexos: Os Portões do Paraíso





Do mesmo autor nesta editora

- *Cantigas da Inocência e da Experiência*
- *Uma Ilha na Lua*

Esta edição reúne duas obras de Blake.  
A primeira é um conjunto de dez poemas  
concluídos por volta de 1803,  
mas nunca publicados pelo autor.  
Estes dez poemas ficariam conhecidos,  
a partir de 1866, como *Manuscrito Pickering*.  
A segunda obra é o livro de gravuras  
*Os Portões do Paraíso*, gravado,  
impresso e publicado pelo próprio Blake  
em duas versões distintas:  
uma em 1793, composta apenas por emblemas,  
e outra em 1818, constituída pelos mesmos  
emblemas e mais um poema.

ISBN 972-608-063-0



9 789726 080633